

# RECONSTITUIÇÃO DE UMA FAZENDA COLONIAL: ESTUDO DE CASO DA FAZENDA DE SÃO BENTO DE JAGUARIBE-PE

Mércia Carréra de Medeiros

As propriedades rurais do tipo fazenda, dedicadas à agricultura de subsistência e à criação de gado, tiveram grande importância nos primórdios da colonização brasileira, do ponto de vista econômico – unidades de fabrico e venda de produtos agropecuários - e demográfico - pontos de manutenção da posse territorial e fixação das populações - contribuindo também para a expansão territorial, na medida em que novas fazendas iam sendo implantadas em áreas circunvizinhas.

Contudo, estas propriedades não têm merecido, por parte dos estudiosos, a mesma atenção dedicada aos engenhos de fabrico de açúcar, incontestavelmente o mais importante e lucrativo produto comercial nas primeiras décadas da colonização, no Nordeste.

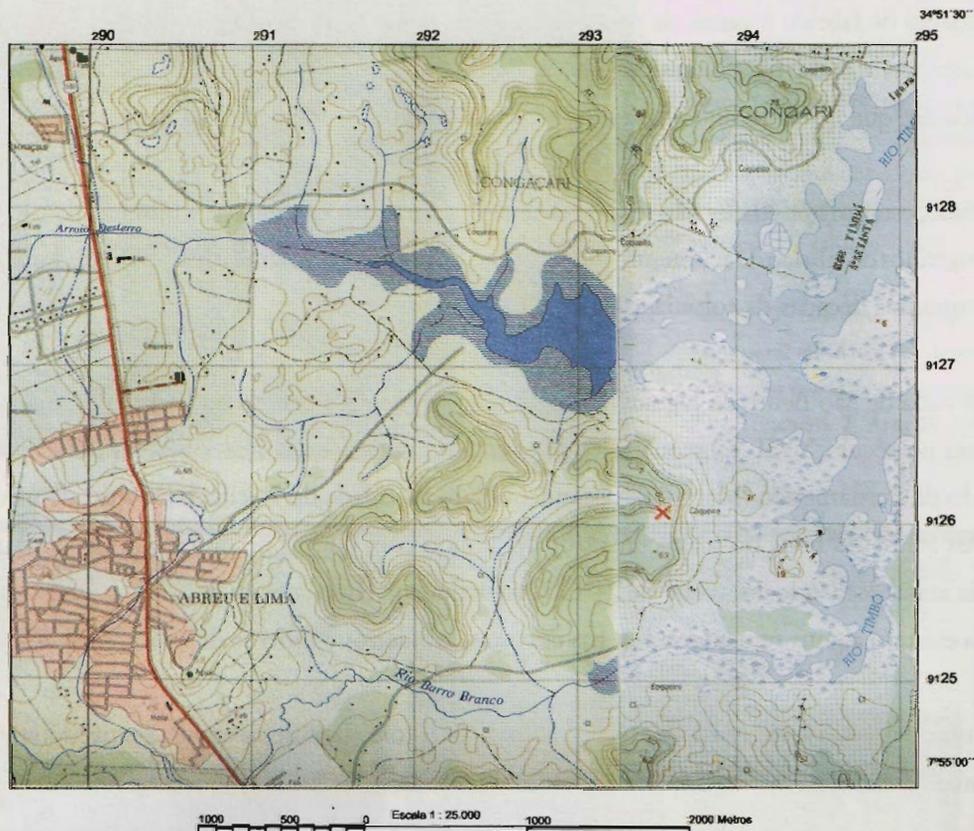
A Fazenda de São Bento de Jaguaribe – objeto deste estudo – pertenceu à Ordem Beneditina, e se iniciou no século XVII, funcionando até o final do século XIX. Está situada no litoral norte do Estado de Pernambuco (Mapa 01), distando 14 Km da cidade do Recife, com altitude média de 69 metros acima do nível do mar, clima tropical úmido com chuvas de outono-inverno, temperatura média anual oscilando em torno de 24°C. Originalmente era recoberta pela Mata Atlântica, da qual ainda existem alguns remanescentes, nas encostas, tabuleiros e morros de maior declividade.

O estudo abordou a organização espacial, levando em consideração as atividades produtivas, formas de trabalho e modos de vida da propriedade e seus habitantes, sob o enfoque histórico – arqueológico, como contribuição ao conhecimento de uma pequena parte da história de Pernambuco no Período Colonial e, em especial, a atuação dos Beneditinos nesta Capitania.

A hipótese trabalhada era que, dependendo da atividade econômica realizada na propriedade, na organização espacial seria modificado apenas o edifício em que esta atividade se processava, para que servisse adequadamente ao seu uso. O espaço seria dividido de acordo com a organização social existente. Desta forma, provavelmente as propriedades do tipo fazenda se organizariam levando em consideração os mesmos critérios utilizados nos engenhos.

A investigação das estruturas da Fazenda de São Bento de Jaguaribe, portanto procura apreender as correlações sociais que articularam sua organização espacial.

A pesquisa está inserida no Programa Jaguaribe, desenvolvido pela Universidade Federal de Pernambuco, cuja finalidade seria não apenas o resgate histórico, mas incluir este patrimônio – Fazenda de São Bento de Jaguaribe - numa política de desenvolvimento sustentável.



Mapa 01: detalhe das cartas da SUDENE – Folha SB.25-Y-C-VI/3-SO MI-1293/3-SO e SB.25-Y-C-VI-3-SE. A cruz em vermelho indica o local da Fazenda de São Bento de Jaguaribe.

## Os beneditinos em Pernambuco: ação colonizadora e papel social

O primeiro mosteiro beneditino foi fundado em 1581, na Bahia, pelo Frei Antonio Ventura. Os beneditinos chegaram à Capitania de Pernambuco em 1592, se estabelecendo em Olinda. Para a vinda desses religiosos muito contribuiu o interesse do donatário Jorge de Albuquerque Coelho e seu empenho junto ao Abade Geral, Frei Gonçalo de Moraes (ROCHA,1948).

Impulsionado pelo zelo apostólico, ao fundarem seus mosteiros os monges tratavam de ganhar para Cristo as almas dos habitantes dos arredores. O trabalho de catequese e aldeamento dos índios, a cultura dos campos, nas fazendas, a instrução e a educação da juventude, nos mosteiros, são testemunhos das várias obras relacionadas a esses religiosos (ENDRES,1980).

Vale salientar que a atuação dos beneditinos, em suas propriedades rurais, com a cultura das terras, a catequese de índios da vizinhança, contribuiu de maneira benéfica e produtiva não só para o bem das almas, mas também para o progresso material das regiões em que as propriedades se localizavam.

Segundo Luna (1947:82), nas fazendas beneditinas era comum encontrar um pequeno mosteiro, com a respectiva igreja, em que se reunia o pessoal do trabalho com suas famílias, para os atos da religião. Quando não havia mosteiro, a casa geralmente espaçosa em que residiam os religiosos, tendo ao lado a igreja, era usada para os atos do culto.

As Ordens religiosas tiveram um papel econômico e religioso importante, no Sistema Colonial Português. Esta importância pode ser atestada pelo patrimônio que estas ordens adquiriram, representado não só pelos mosteiros e conventos, mas também por suas propriedades rurais.

Os beneditinos financiavam suas atividades com fazendas e engenhos, utilizando mão-de-obra escrava. A função principal dessas propriedades era proporcionar recursos para o custeio e manutenção da Ordem .

Os dados relativos ao rendimento das propriedades beneditinas indicam terem sido bem administradas. Os monges eram abertos a iniciativas inovadoras, tanto em relação a experimentar novos produtos e técnicas quanto no tocante à forma de utilizar sua mão-de-obra.

Como estratégia para incentivar o crescimento demográfico e evitar mais despesas na compra de novos escravos, estimulavam a formação de unidades familiares. As escravas que tivessem mais de seis filhos vivos eram dispensadas dos trabalhos pesados.

Algumas das propriedades beneditinas eram administradas por feitores escravos. A própria Fazenda de São Bento de Jaguaribe teve o escravo Nicolau como seu administrador (SCHWARTZ,1983).

Os beneditinos ensinavam ofícios às crianças que demonstravam aptidão e só a partir dos dez a doze anos é que se iniciavam no trabalho, executando tarefas leves.

A Ordem Beneditina concedeu carta de alforria a todos os seus escravos, em 28 de setembro de 1871. A perda de sua mão-de-obra, do dia para a noite, causou sérios prejuízos no serviço doméstico e principalmente, na lavoura de suas fazendas, contribuindo para seu posterior abandono (LUNA,1947).

## **A organização espacial das propriedades rurais: Fazenda de São Bento de Jaguaribe**

Para o estudo da organização espacial das fazendas no período colonial foi utilizada, como base comparativa, a organização espacial dos engenhos, a partir de subsídios oferecidos por abalizados autores( CAPISTRANO DE ABREU, 1954; FREYRE, 1958; GOMES, 1998; PIRES; GOMES, 1994; SANTOS, 1995).

Pelo fato de se estar buscando um modelo de organização espacial das Fazendas do período colonial, em Pernambuco, é importante ressaltar as características gerais das propriedades rurais que serviram de base para esta busca, no caso, os engenhos.

De uma maneira geral a construção rural era constituída pela casa-grande, atendendo à família e aos hóspedes; a casa-de-máquina, a casa de cozimento, os armazéns, o engenho, as senzalas, que serviam para suprir as necessidades do trabalho e a capela para o exercício da função religiosa; enfim, todas as edificações necessárias e adequadas ao modo de vida neste período (BUARQUE DE HOLANDA, 1985:107).

Os espaços construídos eram organizados de acordo com regras de apoio à posição social do proprietário. Nos engenhos, a fábrica de açúcar representava o campo econômico; a casa-grande, o político; a senzala, o étnico; e a capela, o religioso. Esta concentração de poder dava aos proprietários total domínio sobre seus dependentes (SANTOS,1995).

Verifica-se na literatura, não haver variedade de tipos de senzalas, a diferença consistia apenas na distância que as separa da casa-grande. Em relação às outras estruturas edificadas, geralmente se apresentavam separadas, o que, de certa maneira, favorece uma autonomia na escolha dos materiais e técnicas empregadas. A opção por qualquer um dos tipos de sistemas de construção dependia da disponibilidade do material na região, das posses do proprietário e de uma escala de valores característica da estrutura social.

Segundo Koster (1978), a fazenda se situava no topo da elevação da Sesmaria Jaguaribe e sua organização espacial era constituída de três edificações: a capela, a casa dos monges e a senzala, formando um semi-círculo, essas habitações se localizavam às margens do rio Maria Farinha, que corria entre os mangues, onde vários córregos despejavam suas águas, parecendo ao longe, braços do rio.

Nesta fazenda cultivavam mandioca, milho, feijão, arroz, café e legumes. Havia também a produção da cal, a extração do sal nas salinas, o fabrico de farinha de mandioca e de tijolos.

Algumas datas eram festejadas com um grande acontecimento, como a festa de São Bento. Os escravos tratavam os monges com familiaridade, mas o Abade da Ordem, considerado o representante direto de São Bento, era tratado com reverência e respeito.

Para o estudo da Fazenda de São Bento de Jaguaribe partiu-se de uma dupla dimensão analítica: a dimensão macro, em que a Fazenda é analisada como um subsistema do sistema colonial português, e a dimensão micro, em que representa um sistema composto pelos subsistemas econômico, social, político e religioso. Estes subsistemas estão relacionados às unidades funcionais existentes na propriedade.

## Procedimentos Metodológicos

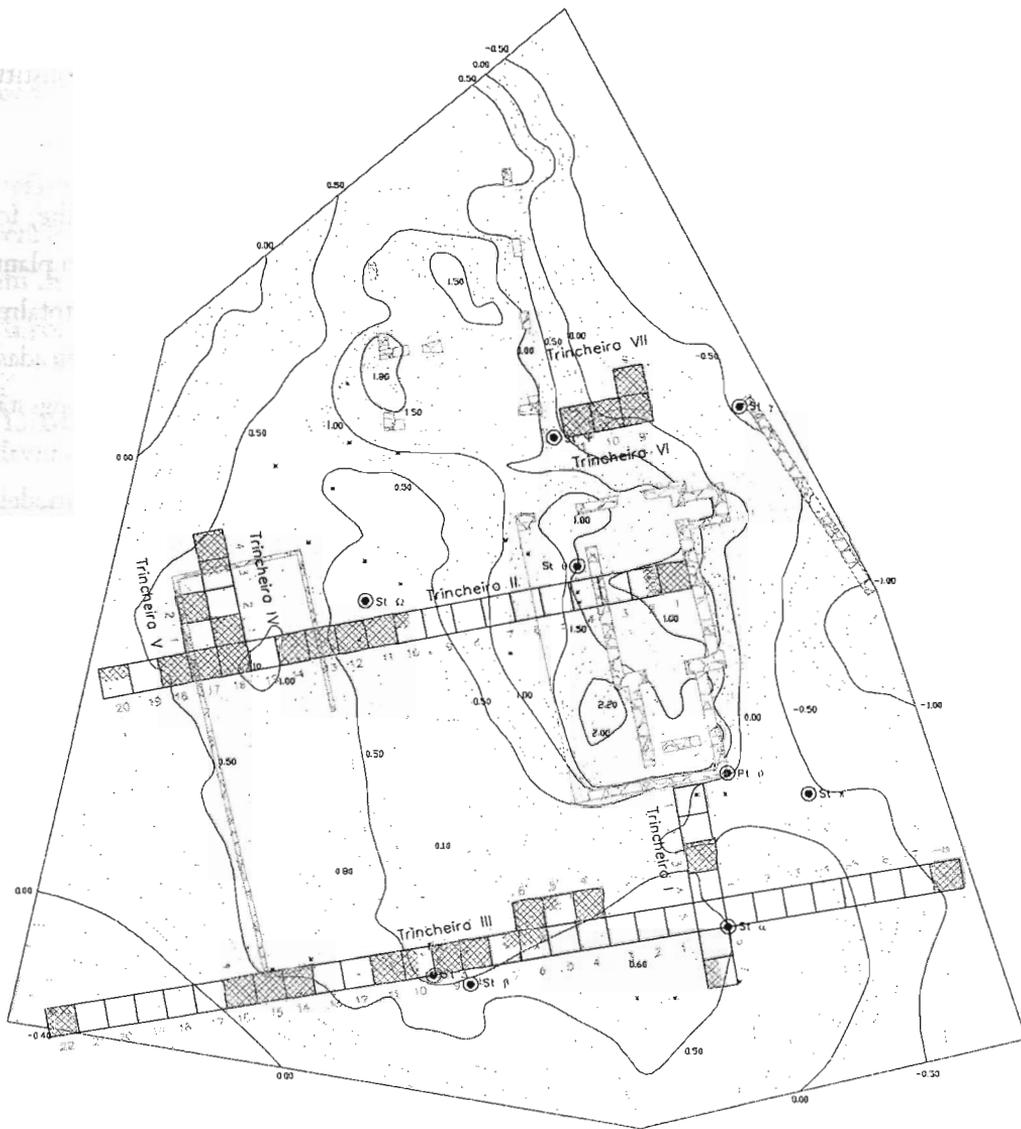
O estudo foi realizado do ponto de vista histórico-arqueológico, visando reconstituir o modelo de organização espacial das propriedades rurais do tipo – fazendas. As informações históricas foram obtidas através de minucioso levantamento bibliográfico e análise da documentação textual e iconográfica pesquisada em fontes primárias e secundárias. As atividades de campo foram iniciadas com o reconhecimento da situação do sítio e delimitação da área de interesse arqueológico a ser prospectada.

Durante as pesquisas de campo foi feito um trabalho de educação patrimonial com a comunidade local, contribuindo assim para um maior esclarecimento e compreensão da importância, não só da pesquisa, como do papel do cidadão na preservação do seu patrimônio.

Para o controle altimétrico e planimétrico dos vestígios foi realizado o setoriamento do sítio, visando um melhor gerenciamento espacial da área em estudo (Planta topográfica ,01). Este setoriamento resultou numa malha que envolve as três unidades arquitetônicas do sítio, divididas em 7 (sete) trincheiras, nomeadas em algarismos romanos. Cada uma das trincheiras foi subdividida em quadrículas numéricas de 4 (quatro) m<sup>2</sup> e estas subdivididas em quadrantes de 1 (um) m<sup>2</sup>, nomeadas com letras minúsculas, visando um controle maior da distribuição espacial dos vestígios arqueológicos encontrados.

O trabalho de prospecção utilizou técnicas já reconhecidas e tradicionais. A primeira etapa, a coleta superficial, foi feita nas áreas perturbadas por atividades antrópicas, visando recolher os vestígios arqueológicos remanescentes e evitar a perda maior desses bens culturais. A segunda etapa, a prospecção em quadrículas, foi utilizada como sondagem para conhecer o sítio em sua amplitude, objetivando definir os espaços, sua funcionalidade e os tipos de artefatos arqueológicos ali encontrados, bem como confirmar os dados históricos conhecidos sobre a distribuição espacial das evidências arqueológicas. Portanto, foi feito o levantamento dos remanescentes *in situ*, da Fazenda de São Bento de Jaguaribe, garantindo o registro fiel da espacialidade das estruturas e artefatos ali encontrados.

As escavações estratigráficas em quadrículas, método preconizado por Wheeler(1961), foram realizadas para estudar a ordem deposicional dos vestígios. Nas escavações foi utilizado o nível artificial de 15 cm para cada decapagem. Todo o processo de sondagem das quadrículas das trincheiras foi acompanhado e registrado por desenhos e fotografias.



## Legenda

- Curvas de nível
- Estruturas em ruínas
- Área do desmoronamento da parede
- Muro de contenção
- Trincheiras
- Áreas escavadas
- Estruturas evidenciadas
- Estações

- Cerâmica
- Mat. Construtivo
- Grés
- Lítico
- Louça
- Malacológica
- Osso
- Vidro

Sítio São Bento  
Município: Abreu e Lima - PE  
Campanha: Fevereiro / Março 2005  
Plano de Detalhe e curvas de nível  
Equidistância de 10cm

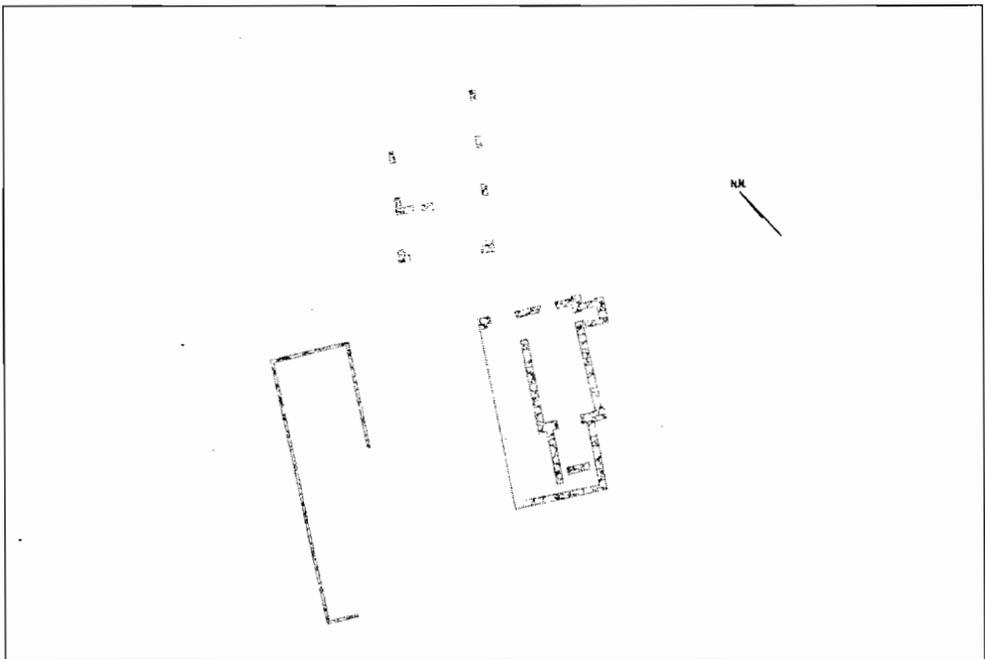


Planta topográfica 01: Sítio São Bento.

# Resultado

A prospecção arqueológica e a análise dos vestígios encontrados possibilitaram reconstituir a organização espacial da Fazenda de São Bento de Jaguaribe.

A partir da prospecção arqueológica realizada na Fazenda de São Bento de Jaguaribe, foram identificadas 03(três) estruturas, analisadas correlacionando com os dados históricos. Na planta de locação das estruturas (Planta 02) fica evidente a seguinte distribuição: a Igreja, estrutura totalmente identificada; a casa dos monges e a senzala que, não obstante terem suas estruturas identificadas, são passíveis de alguns questionamentos sobre sua definição exata, o que torna pertinente a sugestão de que os trabalhos arqueológicos neste sítio devem ter continuidade. Contudo, o fato não invalida a distribuição desses edifícios, formando um semi-círculo, evidenciando claramente o modelo de organização espacial desta Fazenda do século XVII na Capitania de Pernambuco.



**Planta 02:** localização das estruturas evidenciadas. Estruturas: a igreja fica à direita desta planta, com sua fachada principal para o nordeste; a casa dos monges fica na parte superior desta planta, sua fachada principal para o leste; a senzala fica à esquerda desta planta paralela à igreja.

Os resultados obtidos comprovam a veracidade da hipótese levantada, no sentido de que a organização espacial não se modifica por conta da atividade produtiva, nem por ser administrada por religiosos ou laicos. O que define o espaço é o tipo de organização social.

Vale ressaltar que, além do material encontrado na prospecção, na área de superfície das redondezas também foi encontrado material significativo de cerâmica indígena, achado que merece ser analisado. De um modo geral, as relações entre as populações indígenas e européias no Brasil colonial sem dúvida constituem um dos mais importantes temas para reflexão.

## Considerações finais

No Brasil, o descaso com o patrimônio histórico-cultural e a destruição de vestígios do passado no mínimo poderiam ser considerados fatos lamentáveis, atestando o quanto ainda é necessário trabalhar a nível de conscientização da população acerca da importância e real significado do passado e as implicações histórico-sociais com o presente.

As ruínas arqueológicas são valiosas, mas frágeis e, uma vez destruídas, jamais poderão ser substituídas. Os sítios arqueológicos constituem uma parte importante da herança cultural da região e do país, muitas vezes até mesmo de interesse de outros países. A pesquisa arqueológica é de importância fundamental no processo de preservação e proteção do patrimônio, tanto para aquele com possibilidade de intervenção restaurativa, como para o patrimônio na categoria de ruína, que já não apresenta condições de ser restaurado, mas, possui uma riqueza vestigial merecedora de preservação e conservação, para o conhecimento das gerações presentes e vindouras, como é o caso das ruínas existentes na Fazenda de São Bento de Jaguaribe.

O trabalho não teve caráter conclusivo. Propôs-se apenas encaminhar algumas questões, como o tipo de utilização do solo e do espaço (estrutura), as formas de organização social e espacial, e analisar as relações entre o conteúdo e a estrutura do sítio, sob o ponto de vista do registro arqueológico e dos dados da documentação histórica.

Não é demais repetir que através da pesquisa, ficou comprovada a riqueza vestigial deste patrimônio-Fazenda de São Bento de Jaguaribe. Fica implícito a responsabilidade e mesmo o dever de preservá-

lo, sugerindo o tombamento como primeiro passo para sua defesa e proteção. O estudo pretendeu contribuir para a elaboração de critérios de análise de processos de tombamento do patrimônio na categoria de ruína, com base em uma argumentação conceitual teórica.

A consciência em preservar o patrimônio histórico e cultural contribuirá para que as gerações futuras usufruam desta herança cultural, e por meio destes testemunhos, possam compreender o processo de desenvolvimento da identidade nacional. Com muita propriedade, afirma o filósofo Ortega Y Gasset que: “O único meio de um homem se orientar para o futuro é tomar consciência do que foi no passado – passado cujo contorno é inequívoco, fixo e imutável.”

## Bibliografia

- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. História geral da civilização brasileira. São Paulo: DIFEL, 1985.
- CAPRISTANO DE ABREU, J. Capítulos de história colonial (1500-1800). 4.ed. revista, anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. (Publicações da Sociedade Capistrano de Abreu).
- ENDRES, D. José Lohr. A Ordem de São Bento no Brasil quando província – 1582-1827. Salvador: Editora Beneditina, 1980.
- FREYRE, Gilberto. Casa grande & senzala. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1958.
- GOMES, Geraldo. Engenhos e arquitetura. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 1998.
- KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Recife: Governo do Estado, Secretariada Educação e Cultura, 1978.
- LUNA, Dom Joaquim G. de. Os monges beneditinos no Brasil. Rio de Janeiro: Edições “Lumen Christi”, 1947.
- PIRES, Fernando Tasso Fragoso; GOMES, Geraldo. Antigos engenhos de açúcar no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- ROCHA, Dom Mateus. Manuscritos do Arquivo do Mosteiro de São Bento de Olinda. Separata da: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife, v.42, 1948. 297p. \_\_\_\_\_ . Beneditinos em Olinda. Chegada dos Beneditinos em Olinda: 1591 – 1592, e outros acontecimentos daquele Mosteiro até 1630. Olinda [s.d.].
- SANTOS, Shirlei Martins. Reconhecendo os engenhos da freguesia de Santo Antonio do Cabo – PE: uma leitura interpretativa da cultura material remanescente do final do século XVI e início do século XVII. 1995. 117f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.
- SCHWARTZ, Stuart B. Os engenhos beneditinos do Brasil Colonial. Separata da: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife, 1983. 47p.
- WHEELER, Mortimer. Arqueologia de campo. México: Fundo de Cultura Econômica, 1961.